

A MENINA DA FLOR

Warley Matias de Souza

A MENINA DA FLOR



Souza, Warley Matias de, 1974-

A Menina da Flor / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2015.
79 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-919584-2-9

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD-028.5

A MENINA DA FLOR

Copyright © 2015 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra,
por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

Para você, Menina da Flor.

A Menina da Flor

Rosa era uma menina negra, sete anos de idade, olhar sereno e sorriso aberto. Tinha os dentes para fora; mas não se envergonhava disso. A mãe dizia que logo usaria um aparelho. Mas Rosa dizia que não, que gostava de ter os dentes assim salientes.

— Goste ou não goste — dizia a mãe, meio brava com a menina — logo logo você vai usar aparelho.

A menina ficava em silêncio; não costumava discutir com a mãe. Mas bem que discutia em pensamento, silenciosa, sem que ninguém pudesse ouvir.

O quartinho de Rosa tinha uma cama, um guarda-roupa e um espelho, no qual a menina gostava de se olhar. Ficava olhando-se, rindo, mostrando os dentes salientes. Fazia tranças malfeitas nos próprios cabelos. Um dia, pegou o ba-

tom de sua mãe sem dizer-lhe nada, lambuzou os lábios com um batom vermelho.

— Estou bonita, mãe? — perguntou a menina, com aquele seu sorriso cheio de dentes.

A mãe não conseguiu nem achar bonito nem engraçado.

— Rosa, lava essa boca agora, menina. E nunca mais pegue o meu batom sem pedir antes, ouviu?

A menina, magoada, correu para o quarto, trancou-se lá dentro e chorou. Por que a mãe reprovava tudo o que ela fazia? Só queria ficar bonita também, era só o que queria, ser como sua mãe.

Mas logo Rosa deixou o choro de lado. Ficou olhando, distraída, uma aranha no teto, enrolando a comida, um inseto pouco esperto. Havia teias de aranha no quartinho de Rosa. As ara-

nhas comiam os pernilongos, e Rosa odiava pernilongos. A mãe quisera tirar as teias do quarto.

Rosa pedira:

— Mãe, por favor, deixa as bichinhas lá, não fazem mal a ninguém.

A mãe, como tinha dó de matar as aranhas, fora deixando. A menina não mexia com as aranhas, e as aranhas não mexiam com a menina.

Rosa gostava de passear com seus amigos: duas galinhas gordas e um morcego que morava no bolso do seu macacão. Rosa não deixava que a mãe lavasse aquele seu macacão azul. Quando tinha vontade, depois da escola, vestia o macacão sujo e saía andando pelo bairro, o morcego no bolso, as duas galinhas seguindo-a.

Quando saía assim, Rosa tinha um só objetivo. Ficava atenta a todos os quintais. Seus preferidos eram aqueles que não tinham muros altos, ca-

da vez mais raros, e quintais com grade, pois, assim, podia ver os jardins. E se, em um desses quintais com muros altos, um portão se abria para um morador sair ou entrar, ela esticava o pescocinho, curiosa, tentando ver se ali havia um jardim.

Nas casas que tinham jardim, ela batia palmas, tocava campainha ou interfone. E esperava até alguém atender.

— Dona — dizia a menina, — a senhora podia me dar uma flor?

A primeira vez que Rosa pedia uma flor, normalmente, ela ganhava-a com um sorriso nos lábios do dono ou dona do jardim. Raramente, encontrava um dono ou dona de jardim mal-humorados. Mas, quando isso acontecia, ela baixava os olhos, sorria seu sorriso cheio de dentes e, meigamente, insistia:

— Por favor...

Ao ganhar a flor, a menina saía feliz, caminhando no canto da rua, enquanto despetalava a flor recebida.

No bairro, todos a conheciam como a “Menina da Flor”. Era assim que lhe chamavam aqueles que não sabiam o seu nome. Muitos diziam que ela era meio lelé da cuca. Outros, que toda criança é meio lelé. E os mal-humorados afirmavam que não davam mais flor para aquela menina, pois ela pedia as flores só para destruí-las depois.

Eles não sabiam que Rosa, ao despeltar as flores, sentia uma coisa boa dentro de si, uns arrepios, a batida forte do coração. Tirava uma pétala, cheirava-a, às vezes a beijava, e depois a deixava cair, uma atrás da outra. Para muitas pessoas, a atitude da menina era um verdadeiro mistério. Quando lhe perguntavam por que fazia aqui-

lo, Rosa apenas sorria aquele seu sorriso cheio de dentes e não respondia. “Menina doida”, pensavam alguns. Outros, no entanto, achavam engraçado e continuavam dando flores para a menina despetalar.